

O MUNDO EM QUE VIVEMOS*

Eduardo Lourenço**

Talvez alguns estranhem que eu tenha aceiteado, não só com muita honra, mas com coração alegre, voltar a esta Casa onde penso que, efectivamente, há muitos anos eu não tinha voltado, esta Casa que eu conheci mesmo antes de chegar a Coimbra. Quando soube que eu ia para a Universidade, o pároco da minha terra, amigo do meu avô que já não vivia, e muito estimado pela minha mãe, disse-lhe:

– Ai vai para Coimbra? Não se esqueça de o inscrever no CADC!

De maneira que eu já conhecia o CADC antes de chegar a Coimbra. Efectivamente cheguei a esta terra, não vindo directamente da minha aldeia, mas depois duma passagem por Lisboa, longa, onde fiz os estudos secundários, e vim, logo que pude, ver o que era este famoso CADC.

Este CADC era, antes de mais em relação ao que era aqui para nós nessa época o bairro, que ainda não tinha sido demolido, era uma Casa da última moda do ponto de vista arquitectónico, dos anos trinta. Tinha ideia de que tinha sido construída efectivamente há pouco tempo, e fazia um contraste imenso com aquele antro tenebroso que era a famosa casa dos estudantes, chamada antigamente a «Bastilha», como a que tinha sido tomada, que era muito movimentada, mas parecia uma coisa de filme (já não direi de Manoel de Oliveira, mas doutros autores), de que não se vê assim grande coisa à primeira vista, embora se estivesse bem. Aqui havia coisas novas, havia ping-pong, havia os jornais, sobretudo uma grande informação.

Imediatamente eu fiquei aqui, nesta casa, onde fiz amigos, realmente para sempre. Talvez eu não só tenha passado pelo CADC, como foi dito pelo meu apresentador a quem agradeço este convite, mas também penso que o CADC

* Conferência proferida no CADC, a 8 de Dezembro de 2011, perante o Bispo de Coimbra, Professores e Sócios de várias gerações (cordialmente saudados por Eduardo Lourenço). Na transcrição do texto, manteve-se o registo de comunicação oral.

** Pensador e ensaísta. Professor da Universidade de Nice. Antigo Assistente da Faculdade de Letras de Coimbra e sócio do CADC. Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra.

passou por mim duma maneira indelével. Aqui fiz amigos que duraram enquanto eu durei e hei-de durar: Henrique Barrilero Ruas, Orlando de Carvalho, o próprio presidente, que naquela altura era uma pessoa eminente para mim, (que nem sequer caloio era, meio-caloio ainda, quando vim para aqui), o Sebastião da Silva Dias, que mais tarde foi um professor famoso nesta Universidade, que eu recordo como o primeiro que introduziu a história das ideias entre nós, suponho, - enfim, vária gente que eu conheci aqui, e também outros rapazes, que mais tarde foram pessoas conhecidas, ministros do antigo regime, que perdi um pouco de vista. Enfim, o CADC foi o contacto com alguma coisa que eu esperava, realmente, como necessidade, a que não fui tão fiel como a esses primeiros amores adolescentes o manifestaram, mas ficou sempre no meu corpo. Lembro-me que comecei cedo este género de disputas, de colóquios e iniciativas culturais que eram levadas a cabo no CADC: justamente, alguém promoveu, logo no primeiro ano que eu estive aqui, uma espécie de conversa, curiosamente sobre um assunto que na altura parecia ainda ter alguma pertinência, "Entre Monarquia e República": eu vi-me promovido a ser o campeão do republicanismo que nem sabia bem o que era, e o meu interlocutor, talvez mais maduro, era o defensor da Monarquia. Presidiu a essa sessão o Professor Queirós, que nos escutou, decerto com grande espanto, e no fim fez os seus comentários: a conclusão foi que nós éramos muito jovens, muito verdes, e a experiência nos ensinaria outra coisa.

Sugeria-me o Senhor Doutor João Caetano que o tema de hoje fosse "O Estado do Mundo" ou qualquer coisa desse género. Que título tão ambicioso e tão intratável, no duplo sentido do termo! Vou reduzir a minha intervenção, e já não é pouco, a uma reflexão um pouco melancólica.

«Em torno da Europa, do destino da Europa, e do nosso destino de portugueses enquanto europeus».

Todos nós sabemos que neste momento a Europa, em todos os domínios, mas fundamentalmente no domínio económico, no domínio do seu estatuto financeiro, dos seu estatuto político, está a atravessar uma grande crise, uma crise dum tipo novo, que nunca tinha atravessado até hoje. Por estes dias, mesmo, pode decidir-se se esse sonho, dum novo tipo de Europa, construída democraticamente depois do fim da segunda guerra mundial, é um sonho que ainda tem futuro, ou se nós estamos a assistir à sua agonia neste momento. Eu sou dos que acreditam, ainda, que o sonho europeu não acabou, e que em altura vindoura teremos de dar quase por bendita a crise que estamos a atravessar. Não tenho grandes dons de Cassandra, e de resto o que ela anunciava eram sempre pesadelos. Limito-me a dizer isto, com esperança de que seja verdade que os responsáveis na ordem política, neste momento, pelo destino da Europa, no qual está incluído o nosso, encontrem efectivamente uma solução dum tipo novo para um sonho que tem estado paralisado praticamente desde o tratado de Maastricht até hoje.

A temática da Europa, para mim, não é o tipo de temática somente deste momento - que é importante para decidir do seu futuro enquanto nova construção política que estava sendo levada a cabo até hoje. O meu interesse pela Europa é o interesse de jovem adolescente, estudante de Filosofia (Histórico-Filosóficas, como se chamava nessa altura) pela «Europa como objecto cultural», a «Europa como cultura», a «Cultura da Europa», e já nesse livrinho *Heterodoxia* de 1949, o primeiro que eu publiquei (ainda muito ingénio; não sei se o não são todos - desejaria que o fossem, de resto), a Europa aparece aí como tema, logo no primeiro ensaio: "A Europa, o diálogo que nos falta". É um tema, sem excessiva originalidade ou mesmo nenhuma originalidade, que é eco duma temática que foi introduzida na interior da nossa cultura, e que é de algum modo subjacente ao seu próprio percurso, pela famosa Geração de 70: esta ideia duma consciência de que nós, no domínio cultural, e enquanto actores também da cultura europeia, não estaríamos à altura dos exemplos que outras nações europeias, consideradas então a justo título, muitas delas, como as nações que eram exemplares para as outras, mais avançadas, mais ilustradas, estavam dando à Europa, e que o eram já então, não só para nós portugueses, aqui na "periferia" ("periferia" não é um termo meu: quem como nós está aqui, no fim da Europa efectivamente, mas no meio do Atlântico que foi durante séculos o centro do Mundo, não sei porque é que será assim tão "periférico"); essa Geração considerava-se periférica em relação ao movimento geral das ideias que efectivamente outros países da Europa, sobretudo a partir do Renascimento, tinham dado aos outros, mais longínquos desses centros: dum lado a França, a Holanda, a Inglaterra, a Itália (naturalmente). Nos finais do século XVIII, sem nós termos feito nada para isso, quando os primeiros discursos do que irá chamar-se o «Século das Luzes» são produzidos, justamente num desses centros, num famoso ensaio da «Encyclopédie Française», há um artigo sobre a Península Ibérica e a Espanha em particular, em que está escrito, literalmente, que, quanto à influência das ideias espanholas, não vale a pena deter-se: não tiveram influência nenhuma - coisa que suscitou da parte dos autores espanhóis uma espécie de revolta, que deu origem a uma grande polémica com os Enciclopedistas. Passado mais de meio século, a nossa Geração de 70, já depois de Portugal ter feito a sua própria revolução inspirada na Revolução Francesa, não se considera particularmente marginalizada no aspecto político (é o século em que Portugal entra numa certa modernidade política em relação ao estatuto antigo), mas considerava que a revolução na ordem cultural se tinha acelerado de tal modo durante essa primeira metade do século XIX, e nós tínhamos ficado de certo modo um pouco paralisados em relação a eles. A célebre frase da Conferência do Casino - «quem pensa, quem são os países das ideias, onde é que estão as ideias úteis para pensar a sociedade que nós somos, para imaginar um futuro à altura dessas utopias ou desses projectos: são a Alemanha, a França, etc, toda a gente, salvo nós». Na verdade, há da parte deles uma juvenil revolta, uma consciência de que este país com tanta história,

com tanto passado, e passado glorioso, não estava à altura (como diria o Ortega y Gasset: «à altura dos tempos») do que os outros estavam a viver; tínhamos no passado grandes momentos gloriosos, e que nos devíamos reciclar – de algum modo –, devíamos fazer uma reforma interna, uma espécie de revolução, uma simples revolta das ideias.

Começa aí para nós um período em que começamos a sonhar com a Europa, uma Europa que era aquilo que nós queríamos ser, que ainda não éramos bem, – o que, na ordem ideológica, na ordem das ideias e dos progressos de toda a ordem, sobretudo do domínio científico do século, tinha um grande potencial de verdade, mas era igualmente também da parte dessa Geração uma espécie de alerta, a dizer que Portugal tinha de fazer uma reforma, tinha de se reformar, era um grito de amor um pouco angustiado e desesperado desta geração representada por Antero e, na ordem literária, por Eça de Queiroz, que tanto aproveitou, tanto gozou, sobre esse atraso nosso em várias ordens, – nunca ninguém se riu com tanta inteligência do nosso país, e pelo génio dele tudo se lhe perdoou e é ainda para nós uma leitura que não perdeu a sua actualidade.

Então o que se deu nessa minha pequena entrada, do que eu considero um especial percurso intelectual, foi essa paixão pela Europa, por essa outra Europa. É verdade que a Europa, naquela altura, não estava atravessando uma espécie de crise do tipo daquela que nós estamos atravessando neste momento. Por uma razão simples: é que essa Europa era, nesse momento, o Continente mais avançado, com todas as espécies de conquistas, e de revoluções científicas que estavam nascendo umas atrás das outras. Depois, esse movimento acelerou-se, e hoje não é só próprio da Europa, a Europa não tem o monopólio desse movimento, mas nessa época a ciência era quase toda de tipo europeu e era a possibilidade da Europa em todas as latitudes possíveis, coisa que tinha começado de resto um pouco por nós, modestamente, mas a modificar-se no século XVI, e que depois outros países, – França, mas sobretudo a Inglaterra, – ampliaram como uma presença não apenas imperial, imperialista ou colonizadora, virtualmente no Mundo inteiro, mas como divulgadores daquilo que não se chamava ainda de maneira tão mítica a «Civilização».

O século XVIII é um século de memória cultural de europeus; nessa altura, sobretudo a Inglaterra e a França dão ao século, digamos, uma espécie de luminosidade. Foram percorrer os mesmos mares que nós já tínhamos percorrido, que nós não percorremos como turistas, mas como gente que lá para outros espaços para poder adquirir riquezas que podia trocar, realmente, na Europa. Essas visitas, essas viagens, do La Pérouse e dos ingleses no século XVIII, são viagens já científicas de algum modo e daí com o pano de fundo da exploração futura, em todas as espécies de ordens. A Europa nessa altura começa a ser a Europa-mundo já, que começou modestamente connosco e se ampliou no século XVIII. Com a Revolução Francesa, os ideais dum novo tipo de justiça em relação ao mundo do *Ancien*

Régime, ou de progressos sociais em sociedades com sonhos mais igualitários do que eram as épocas anteriores, impôs-se também a partir da Europa. Nós participamos, modestamente, mas o centro desses sonhos era de facto essa outra Europa.

Por conseguinte, as crises na Europa eram de ordem interna, de rivalidades históricas que os grandes países da Europa tinham realmente entre si e que se acentuaram com a capacidade económica, científica e guerreira desses próprios países. Uma coisa veio com a outra. Mas o Mundo não tinha capacidade ainda de desafiar em nenhuma ordem aquilo que era de facto a Europa no século XIX e em parte ainda no século XX. Acontece é que, devido às contradições internas dos nacionalismos, que renasceram no século XIX, a Europa se transformou numa espécie de guerra civil permanente, e que isso vai acabar numa actividade europeia, numa acção europeia, dum tipo novo, que vai pôr em perigo a paz do Mundo. Não podemos esquecer que as duas guerras mundiais, as primeiras que têm esse nome na história do Ocidente, são da Europa, nasceram na Europa, e tiveram lugar na Europa, e isso pode considerar-se uma espécie de suicídio quase colectivo, pré-colectivo, e por pouco não se concretizou num verdadeiro suicídio: nunca estivemos mais perto disso que nos anos 40 do passado século. Não foi há mil anos, não foi uma dessas catástrofes da ordem da paleontologia, não, foi apenas nos anos 40, em que pela primeira vez os homens, sobretudo os europeus adquiriram armas capazes de destruir totalmente os outros, os não-europeus, mas igualmente a si próprios.

O século XX foi um século extraordinário de descobertas de toda a espécie, maravilhoso, quanto mais não fosse – embora a descoberta já venha dos finais do século XIX – para mim, para a nossa geração: foi o século dum invenção extraordinária que vai figurar como aquela em que o imaginário moderno se reflecte, – quero-me referir ao cinema. E todos estes dramas da sociedade moderna vão ter uma segunda dimensão justamente através do cinema, e sobretudo do famoso cinema americano.

À beira do desastre, nos finais da década de 40, as nações, paradoxalmente as nações vencidas nessa guerra mundial – e as nações vencidas são fundamentalmente três: a Alemanha, vencida, tendo combatido e desafiado o Mundo inteiro, pura e simplesmente; a Itália, por outro lado; e a França, mais vencida de todas – resolvem propor que a Europa inventasse uma nova saída para que as razões que levaram a um drama, que tinha sido ao mesmo tempo europeu e mundial, pudessem ter uma outra solução. E foi aí que nasceu a ideia desse sonho europeu, que já tinha aparecido no século XIX sob a forma de «Estados Unidos da Europa».

Foi, nada mais, nada menos do que Victor Hugo, idólogo e político e o grande poeta que sabemos, que foi uma espécie de guru, que tinha imaginado isso para a Europa, e na sua cabeça, de Victor Hugo, «Estados Unidos da Europa» queria dizer a França em grande (Era uma solução que a mim particularmente não me desconvinha). Napoleão tinha perdido em Waterloo, mas nem era essa a

razão principal: a razão principal é que os Estados Unidos têm uma língua, falam uma língua, e portanto o problema está resolvido antes de ser posto. Se houvesse uma língua na Europa, não estávamos aqui tão preocupados com a ideia de que a Europa entraria em conflitos internos, oposições, incapacidade de se organizar, incapacidade de ser um actor histórico a tempo inteiro no sentido próprio, coisa que ela nunca foi, senão a título de nações hegemónicas *à tour de rôle*, porque isso seria impossível por uma razão simples: é que apesar de todas essas tragédias, quer do século XIX quer sobretudo do século XX, a Europa continua a ser o mais rico continente ainda sobre a terra. Não se imagine que são os Estados Unidos, nem a China, nem a Índia (serão, talvez, no fim do século); mas neste momento, o espaço continental europeu é efectivamente aquele em que há maior acumulação de riquezas de toda a espécie, de bem estar, de organização, de tudo o que se quiser. Simplesmente não é uma nação, é uma pluralidade de nações, em que sobretudo cada uma das nações, que foram hegemónicas no passado, tem o sonho de ela própria representar a Europa, se pode e como puder: foi editado pela França em primeiro, a segunda utilização foi a da Alemanha, e a Inglaterra não a tentou porque a Inglaterra é maior do que a Europa, a Inglaterra é uma espécie de Europa-Mundo, por conta dos outros mas sobretudo por conta dela própria.

Provavelmente, o que tem impedido historicamente, na ordem política e em várias ordens, que a Europa se realize como nação, é o facto de que a Inglaterra não quer pertencer a essa nação. Só os franceses é que pensam que a Humanidade toda pode ser francesa; os ingleses... *surtout pas!*, não querem que ninguém seja inglês, para os ingleses bastam eles. Jogam o jogo, mas a Inglaterra está fora. Como dizia o General De Gaulle, a definição da Inglaterra ... «é uma ilha», mas é uma ilha especial, é uma ilha-Mundo: se há alguma nação ou espaço, que tem direito de dizer uma coisa dessas, é realmente a Inglaterra. Estamos vinculados ao modelo latino representado pela França, sobretudo a partir do século XVIII e XIX, mas a verdade - e Eça de Queiroz tardiamente se deu conta disso, ele tão francês e chamado afrancesado, ao ir para a Inglaterra -, é que a Inglaterra era verdadeiramente o centro do mundo. O século XIX foi realmente o século inglês por excelência, e guarda ainda de *beaux restes*.

Sobretudo apareceu, - em função das contradições internas e da auto-destruição a que a Europa se submeteu, desde a guerra prussiana até 1945 -, apareceu um filho, chamado os Estados Unidos, um bastardo - eles não gostam da palavra, mas é a palavra que convém: em pouco menos de meio século tornaram-se a primeira potência mundial, na ordem política e na ordem guerreira. Já se sabe que foram os vencedores da segunda guerra mundial, mas sobretudo ocuparam o lugar no nosso imaginário no plano da cultura, algo que não se podia prever que fosse a esse ponto. Em 1950, os chefes de orquestra que iam aos Estados Unidos - onde eram bem pagos, melhor do que poderiam ser pagos na Europa, - eram todos europeus, fundamentalmente alemães, algum francês ou inglês. A certa al-

tura, um desses grandes maestros alemães foi a Nova Iorque e adoeceu; estava tudo programado, e então é que descobriram que havia um jovem americano que o podia substituir; pela primeira vez, um jovem americano surgia como grande maestro, alguém que, além de maestro, foi também um grande divulgador da música clássica: Leonard Bernstein. Na altura, e algum tempo antes, a América vivia ainda com um certo complexo cultural em relação à Europa: todas as grandes figuras americanas, nesse século XIX e princípio do século XX, faziam a sua viagem à Europa - um dos maiores autores americanos, o Henry James, irmão do outro James, é um deles, e todas as suas obras são uma espécie de diálogo entre ele e a Europa.

Com a *débâcle* francesa, uma parte da elite francesa emigrou para os Estados Unidos, e levou para lá o Surrealismo e tudo o que isso suscita, quer dizer, foi uma tal excitação que Nova Iorque se transformou em pouco tempo na capital cultural do Ocidente, particularmente na ordem da pintura, um pouco na da poesia. Quer dizer: passa a haver verdadeiramente, na ordem da cultura, dois Ocidentes, e desses dois Ocidentes, um tem uma capacidade de se exportar no Mundo, de influenciar o Mundo, superior àquela que foi a da Europa durante tantos séculos.

Podemos ver aí os dramas que nós vivemos actualmente. Daí o facto de que a Europa, paradoxalmente, não se faz, por excesso de riqueza - se se pode dizer -, excesso de passado, excesso de memória, pelo facto de que cada um dos países europeus é uma espécie de Europa do seu ponto de vista. Nós não nos atrevemos a dizer isso, mas deveríamos, porque Portugal, no sentido próprio, não só quando ainda não era Portugal - a Península Ibérica, no tempo dos Romanos -, foi a primeira Europa - que verdadeiramente foi uma parte da Itália e sobretudo da Península Ibérica. Depois desses longínquos tempos, Portugal foi a primeira nação que pôs a Europa no mapa do Mundo, de algum modo. Europa - digo-o diante da minha querida amiga helenista, Maria Helena da Rocha Pereira - filha da Ásia, que foi raptada, isto para mostrar como as origens da nossa cultura vêm da Ásia e particularmente da Ásia Menor: todos esses filósofos, esses primeiros grandes filósofos, que vêm da Grécia - da Grécia que é a mãe cultural da civilização que é a nossa, fundamentalmente -, toda essa gente vem um pouco da Ásia, de algum modo.

Mas a Europa que nós exportamos foi já a Europa que é filha duma segunda matriz, que é a da influência da civilização cristã, que a moldou durante tantos séculos. A Europa é uma história de crises permanentes, nunca foi outra coisa do que crises sucessivas de toda a espécie, porque foi a civilização mais dinâmica, mais auto-dinâmica, com mais contradições, e essas contradições são positivas e criaram à Europa uma história que nenhum outro Continente tem, até hoje, como a nossa. Foi essa Europa que exportamos, como se nós fôssemos num só barco, uma pequena nação, com um milhão e tal de pessoas, que se passou e atravessou o Atlântico Sul para chegar à Ásia. De algum modo, nós fomos os primeiros euro-

peus, e ao mesmo tempo os primeiros não-europeus igualmente; há um Oriente de Pessoa que é maravilhoso, que diz que Lisboa, e Portugal um pouco, está a Oriente do Oriente do Oriente – só o Pessoa é que podia inventar uma coisa dessas. E é verdade, temos esta singularidade, fomos os primeiros, também fomos outros, ao mesmo tempo, num certo momento que é por acaso o momento imperial da nossa acção no Mundo, aquele que nos marcou e marcará por muito tempo, e ficou num livro: esse Livro é o Livro dos Livros da nossa cultura e do nosso imaginário.

Apesar disso, não há dúvida nenhuma que nós continuamos: só porque perdemos esse sonho de maneira definitiva, é que a Europa nos pareceu qualquer coisa para a qual nós éramos obrigados a ir, para continuar a existir, como nação independente, mas também como economia independente. É por isso que a Europa se transformou neste sonho a que nós aderimos e para o qual entrámos em 1986. Entrámos para essa Europa na convicção de que enfim éramos europeus *à part entière*, que tínhamos entrado para uma casa rica, e que essa casa rica nos permitia sermos os mesmos, mas viver melhor. E assim vivemos embalados neste sonho durante estas dezenas de anos que nos separam dessa grande época que depois foi coroada pela criação do euro. Enfim, nós estávamos dentro da Europa como virtual nação, mas passar do virtual ao real é muito diferente, ninguém sabe se algum dia essa passagem se fará.

Por outro lado, a Europa também não foi capaz durante estes anos – que já são bastantes, embora sejam poucos na ordem global do tempo –, não foi capaz de incorporar em si mesma espaços que historicamente e culturalmente são Europa: a Europa ficou sem saber, depois da queda do muro de Berlim, que tinha separado a Europa em dois espaços que se digladiavam ideologicamente – mas culturalmente continuavam a comunicar um com o outro, e a influenciar-se um ao outro –, não foi capaz de fazer nenhum sinal de ordem positiva em relação a essa Rússia que entretanto tinha implodido. Tem-se discutido aqui a entrada da Turquia na Europa, e estou tão desesperado com a Europa que acho que ela até devia entrar, a ver se nos salva, mas a verdade é que a Turquia foi, não diria nosso inimigo, mas foi o adversário da Europa desde a queda de Constantinopla até quase hoje. Hoje não é a mesma Turquia, mas durante séculos uma parte da história europeia foi o medo de que a Turquia, naquilo que ela representava – bem ou mal –, fosse avançando na Europa, e efectivamente muito avançou, e no século XVI estava cercanda Viena – pura e simplesmente. Mas hoje esses fantasmas foram substituídos por fantasmas mais recentes, o alemão dum lado, interno, e outro, o fantasma da Rússia enquanto União Soviética. Todos esses fantasmas desapareceram, mas a Europa, que está a ser reorganizada, não foi capaz de endereçar à Rússia – quer dizer à pátria de Tolstói, de Dostoiévski, de toda essa gente que são tão europeus como quaisquer outros europeus, e que continua a ser uma grande nação –, nenhum sinal positivo: é como se estivéssemos sem saber o que havemos de fazer.

Porquê? Porque a Europa não é ninguém, não é um actor político, ainda não é ninguém, é uma coisa que se procura. Têm-se feito muitos esforços, o conhecimento do espaço europeu pelas novas gerações é maior do que nunca foi – antigamente eram só as classes ricas que se passeavam na Europa, sobretudo antes de 1914, tranquilamente, até S. Petersburgo, até Moscovo, etc., – mas, antes mesmo da famosa cortina de ferro, a Europa ficou realmente separada em dois durante este século, e depois da sua reunificação continua a ficar em dois: o espaço euro-americano, e outro, o espaço ocidental propriamente dito. Estamos muito longe das condições para que esta Europa possa considerar-se – não será para eu ver, não verei, os mais novos talvez ainda vejam – que um dia seja esta espécie de nação particular, especial, com que sonharam os europeístas mais convictos – e eu pertenço a essa gente que se enganou.

Espero não me ter enganado totalmente, e continuo a pensar que a Europa, mesmo que não exista claramente, é um Continente, não só, onde o bem-estar até hoje é o mais elevado que nós conhecemos no Planeta, como um Continente com uma História que é em parte a História do Mundo, e não só do Mundo Ocidental – mas do Mundo inteiro. Provavelmente, esse excesso de plenitude da acção da Europa, mesmo dividida através dos séculos, impede ou torna quase pouco atraente que ela ainda possa ser outra coisa, porque, dividida através de tantos séculos, a Europa incarnou o Mundo, devido à sua cultura, não só porque foi a criadora da Filosofia, mas a partir da Filosofia foi a matriz daquilo que vai ser a coisa mais importante que aconteceu no Mundo, que foi a revolução científica, no sentido próprio do termo, aquela representada por Copérnico, por Galileu, por toda essa gente. A Europa não é só Europa: mesmo culturalmente falando, ela contaminou o Mundo de tudo quanto neste Continente foi inventado, desde Platão até hoje, do que foi escrito desde Homero até Joyce: é uma Europa de tipo mítico, que eu próprio mitifico.

Simplemente, a esta Europa faltou qualquer coisa, sobretudo nos seus modernos, porque a Europa já existiu, já existiu quando se chamava a Cristandade, antes do grande *clash* que é porventura o acontecimento mais importante da história europeia, que foi a Reforma. A Reforma traçou, dividiu a Europa, por dentro, em duas. É um drama, mas ao mesmo tempo é uma peripécia absolutamente extraordinária da História do Mundo, porque não há nada mais importante para a definição duma entidade, não só na ordem política mas em todos os sentidos, dum povo, duma nação, do que a sua inserção em qualquer coisa que nós poderemos chamar da ordem da crença, seja qual for essa crença. Embora com querelas permanentes – é uma das características da História cultural europeia: mesmo a Cristandade é atravessada sem cessar por querelas continuas, cisões, heterodoxias várias –, havia uma espécie de unidade europeia que já desde Lisboa até à Polónia, e, em termos de Cristianismo, muito mais longe, porque já tinha havido uma

divisão, mas não com as mesmas consequências – a divisão entre a parte chamada Católica e a Ortodoxia.

A grande divisão, a divisão fundamental que marca a História e o espírito europeu em todos os níveis, foi efectivamente a revolta de Lutero, quer dizer, um outro tipo de proposição religiosa – a partir dos textos. Esta revolução consistiu, em última análise, em repensar a ideia das relações do Homem com Deus numa maneira diferente daquela que até então tinha sido tomada, e curiosamente não no sentido duma captação de atribuir ao Homem uma capacidade de manipular Deus, de tornar Deus objecto, mas de subtrair a ideia de Deus a qualquer espécie de objectividade: Deus é aquela realidade sobre a qual o Homem não pode pôr a mão. Tornou Deus mais misterioso, mas também mais angustiante; deixou de ser o Deus familiar que é de algum modo o nosso, do Catolicismo, para ser um Deus que é um mistério dos mistérios, e em relação ao qual, segundo Lutero e segundo a interpretação que ele faz duma passagem famosa de S. Paulo, o Homem não é o senhor do seu próprio destino, o homem não tem aquela liberdade imaginária que ele se atribui. É uma revolução religiosa das mais paradoxais que há, porque Lutero substitui o livre arbítrio, no sentido tradicional do termo (que é a capacidade de o Homem dispor do seu próprio destino, quer dizer, de ter os meios para se salvar) para dizer que não tem esses meios, que o Homem está à mercê de qualquer coisa outra (que é o que ele chama o «arbitrio servo»).

É uma extraordinária revolução que é ao mesmo tempo extremamente libertante no sentido dum fundamento fantástico, que é uma outra concepção do Homem como incapaz de se salvar por si próprio. É uma ideia que não é dele, vem de Santo Agostinho, mas a ideia dele é uma nova Reforma, e sobretudo fez incanar essa sua ideia, essa sua nova visão e concepção da ligação do Homem com Deus – a religião, como se chama habitualmente –, por um povo, que é um povo que se chamava Alemanha e tinha um contencioso com o povo latino por excelência, herdeiro da Grécia: uma revolução ao mesmo tempo universalista nesses fundamentos filosóficos, e extremamente nacional no outro, que fez da Alemanha um Continente diferente de todos os outros, e depois estendeu-se essa diferença a outros países onde a revolução luterana teve outras causas. Esse foi o drama mais profundo de todos estes dramas reais, que conhece a cultura europeia, a civilização europeia, a Europa real que nós conhecemos e habitamos neste momento: a coisa mais extraordinária foi essa revolução religiosa no interior da herança comum que vinha desde os tempos do Império Romano. Esses traços são visíveis ainda hoje, há os do Norte e os do Sul, e isso deu uma espécie de consciência à Alemanha, uma consciência messiânica, messianista, dum tipo novo, na sua luta contra Roma. Os tempos passaram, as coisas hoje são diferentes, e hoje temos um alemão que é Papa, o que é extraordinário, que é uma coisa que é também um sinal dos tempos, de que as coisas realmente mudaram, e que provavelmente todas essas querelas não foram senão «querelas de monges» – um historiador francês cèle-

bre, Lucien Febvre, dizia, a propósito da história de Lutero, que era uma «querela de monges» –, mas tudo nesta vida são querelas de monges, tenham eles sotaina ou não, querelas de gente que incarna uma certa ideia em toda a sua intensidade e que quer transmitir isso aos outros e, se puder, à Humanidade inteira.

A verdade, e digo-o diante da minha querida amiga Maria Helena, é que uma das grandes separações culturais que nós vivemos na Europa é a do lugar da Bíblia dentro da nossa herança religiosa comum: esses povos tornaram-se, pela revolução de Lutero, povos da Bíblia, o que todos somos, mas eles num segundo sentido, provavelmente porque anteriormente à revolução de Lutero já tinha acontecido uma outra – a História da Europa, culturalmente, é um História de evoluções contínuas – que foi muito decisiva: não só a da invenção da imprensa, mas sobretudo o facto de que os povos do Norte, particularmente holandeses, pátria de Erasmo, tinham começado a aprender a ler nas escolas cristãs, coisa totalmente inédita, pois desde os tempos gregos a leitura era para uma elite.

Quando a Reforma aparece, aparece já condicionada por uma revolução cultural intensa que nós chamamos o Humanismo duma maneira geral, de que o Erasmo é o maior representante, e sobretudo um professor de pedagogia – as pessoas têm de aprender a ler, têm de saber ler. Quando a Reforma rebenta, não só já havia imprensa, mas havia uma parte do povo que sabia ler, e foi certamente uma das maiores aventuras publicitárias, a primeira grande acção de publicidade através da imprensa, a campanha que Lutero fez, com os seus livros, os seus panfletos, os seus escritos, e sobretudo a tradução da Bíblia em alemão, que passa a ser uma leitura possível para um povo que pelo menos em parte já sabia ler.

Foi provavelmente uma das coisas mais dramáticas que nos aconteceu a nós, para responder ao ataque, com a Contra-Reforma: a Bíblia não foi traduzida. Talvez porque a Igreja tivesse razão de suspeitar, porque podia haver uma interpretação individual, não correcta, não colectiva; mas não só por isso: foi porque simplesmente na altura o povo português não sabia ler, e essa não-leitura foi uma coisa dramática. Só os sociólogos, os historiadores, podem na verdade saber o que isso é – a verdade é que, ainda há muito poucos anos, oitenta por cento da população portuguesa não sabia ler, e isto deve-se pagar em qualquer parte, *he! he!* Não quer dizer que essas pessoas sejam menos humanas que as outras, ou que sejam menos sábias – às vezes até serão mais; mas o facto é que o progresso da Humanidade passa pelo controle daquilo que é realmente mais importante, que é a decifração do mundo através da escrita, a passagem a outros níveis de compreensão desse mesmo mundo. Uma parte do nosso drama, que estamos vivendo enquanto portugueses, tem alguma coisa a ver com isso, mas não só; haverá outras razões.

Neste momento a Europa vive efectivamente uma crise muito forte, mas provavelmente a crise mais forte é a crise da própria ideia da Europa, é o facto de que não há discurso sobre a Europa, não há interiorização do sonho europeu, não há paixão europeia. Até numa coisa muito simples: não há uma equipa de futebol

européia - há um campeonato, uma liga dos europeus entre eles, mas não uma equipa, porque não há realmente Europa no sentido forte do termo. Se existe uma paixão, que é a paixão mais banal que a Humanidade conhece, que é a paixão do jogo, a paixão lúdica - não há objecto. No dia em que houver uma equipa da Europa que jogue com os outros Continentes, então a Europa está mais que feita, - está *super-feita*.

Obrigado.